

MOBILIDADES CULTURAIS EM AZUL-CORVO, DE ADRIANA LISBOA

CULTURAL MOBILITIES IN AZUL-CORVO, BY ADRIANA LISBOA

Noraci Cristiane Michel Braucks¹
Leoné Astride Barzotto²

RESUMO: O intenso trânsito de pessoas entre os países e a franca globalização têm reconfigurado o cenário cultural dos povos na contemporaneidade. Em *Azul-corvo* (2010), romance da escritora brasileira Adriana Lisboa, estão marcados diversos aspectos dessa diáspora moderna (Stuart Hall). Desta forma, a trajetória da protagonista Evangelina, uma adolescente que vai do Brasil para os Estados Unidos a procura do pai biológico, leva-nos a vislumbrar importantes implicações do trânsito entre as Américas. São exemplos desta reflexão: o deslocamento de milhares de latinos e brasileiros para os EUA e suas estratégias de inserção e de adaptação cultural no país do ‘outro’.

Palavras-chave: Diáspora; Relações interamericanas; Adriana Lisboa.

ABSTRACT: The intense movement of people among countries and globalization have reshaped the cultural scene of people in contemporary times. In *Azul-corvo* (2010), novel written by the Brazilian author Adriana Lisboa, many aspects about modern Diaspora are highlighted (Stuart Hall). Thus, the trajectory of Evangelina, the protagonist, a teenager who goes from Brazil to the United States looking for her biological father, leads us to glimpse important implications concerning the cultural mobilities among the Americas. For instance, some aspects of this reflection: the displacement of thousands of Latinos (and Brazilians) to the United States and their strategies for social insertion and cultural adaptation in the ‘other’ country.

Keywords: Diaspora; Inter-American relations; Adriana Lisboa.

O CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO LATINA PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Em campanha eleitoral, Barak Obama anunciava uma Reforma da Imigração e se sabe que o posicionamento favorável à legalização dos imigrantes ilegais, do então candidato à presidência dos Estados Unidos da América, contribuiu em muito para sua eleição. Os pontos previstos em seu plano de governo para *to bring people out of*

¹ Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsa Mestrado CAPES 2013-2015. E-mail: cristianebraucks@hotmail.com

² Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsa Pós-Doutorado CAPES (2015-2016) na Universidade da Califórnia em Berkeley-EUA. E-mail: leonebarzotto@ufgd.edu.br

the shadows abrangem as estratégias já utilizadas nos governos de Ronald Reagan e Bill Clinton: reforçar as fronteiras e legalizar os imigrantes clandestinos.

Algumas ações foram implementadas desde as eleições de 2008. Embora não preveja conceder anistia total aos imigrantes ilegais, o governo Obama defende a criação de um sistema que inclui pagamento de multa, aprender inglês e entrar na fila da legalização da cidadania, ou melhor, no final dela. Apesar disso, em 2010 foram deportadas 392.862 pessoas, mais do que em 2009 (389 mil) e 2008 (369 mil). Até mesmo porque os cidadãos norte-americanos são permanentemente desafiados a denunciarem os imigrantes ilegais e a não lhes oferecer empregos ou contratá-los (CUNHA, 2011, p. 65). Em 2010, o Governo Obama destinou US \$ 600 milhões para o reforço da fronteira sul, através de contratação de patrulheiros e investimento em aparelhos e viaturas de alta tecnologia, como o uso de avião teleguiado e radares de luz infravermelha.

Entretanto, o assunto é extremamente polêmico. O investimento de 2010 sofreu duras críticas. O mesmo aconteceu com a lei SB 1070 do Estado do Arizona. Com cerca de 30% da população constituída de imigrantes de origem latina³, o Estado aprovou, também em 2010, uma lei para maior fiscalização da imigração ilegal. Previa, por exemplo, a proibição da contratação de *day laborers*, os trabalhadores “por dia”, frequentemente contratados por produtores rurais norte-americanos. O ponto da SB 1070 que causou maior polêmica, tendo inclusive repercussão internacional, foi o que tornava crime não apresentar documentos que comprovassem o *status* de imigrante legalizado. O critério seria o de apresentar “suspeita justificada”. Esse aspecto da lei foi considerado inconstitucional, por basear-se em critérios de raça e de cor (embora a então governadora do Estado o negasse), mas dividiu a opinião pública. Logo após a aprovação da lei, uma pesquisa do Instituto Gallup mostrou que 51% dos americanos se mostrava favorável a lei e 39% contrário. A polêmica da SB 1070 incluiu ainda diversos protestos públicos, em prol dos direitos humanos (CUNHA, 2011, p. 71-72).

Desta forma, percebemos o quanto é incômodo o assunto da imigração ilegal nos Estados Unidos, cuja maioria absoluta é de origem latina, ou *hispanic*, como é conhecida lá. A polêmica não se dá apenas pela preocupação humanitária da comunidade internacional e suas vozes internas, mas pela forte presença latina, inclusa, mesclada, imbricada no tecido social norte-americano.

Do lado de cá, desde o final da década de 1980, o Brasil vivencia uma nova onda de emigração, contrastando com seu passado histórico de imigração. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, em 2011, 3,1 milhões de brasileiros residiam fora do país. Destes, quase 1,4 milhões estavam nos Estados Unidos da América, onde também são conhecidos como “brazucas” (MARGOLIS, 2013, p. 19)⁴. Governador Valadares (MG), Criciúma (SC) e Piracanjuba (GO) são as cidades que mais têm

³ De acordo com Cunha (2011), apenas 12% é legalizada.

⁴ Os EUA é o principal destino dos emigrantes brasileiros. Em seguida está o Japão, onde vivem cerca de 230 mil brasileiros, e o Paraguai, onde vivem cerca de 200 mil brasileiros (MARGOLIS, 2013, p. 19).

jovens saindo para o exterior. Essas cidades contam com agências de emprego e de remessas de dinheiro. Dentre a população jovem, nesses lugares, cria-se uma “cultura de emigração”, indicando a tendência de que mais jovens deixem o país em breve (MARGOLIS, 2013, p. 25). De acordo com Maxine Margolis (2013), o fator econômico é o motivo para a emigração brasileira.

O Brasil sofreu uma série de crises econômicas nas três últimas décadas. A partir de meados dos anos 1980, os brasileiros vinham lutando contra altos índices de desemprego e subemprego, baixos salários, custo de vida alto e, até 1994, inflação fora de controle. A classe média brasileira, em particular, foi atingida severamente por essas condições, tornando difícil demais manter o padrão de vida e minando, assim, suas expectativas (MARGOLIS, 2013, p. 22).

A falta de perspectiva de boas condições de emprego empurrou muitos jovens para fora do Brasil. Cerca de 1,3 milhões de pessoas entre 20 e 44 anos de idade deixaram o país, com ensino médio completo e, muitos, diploma de curso superior: “O país está desperdiçando suas mentes mais brilhantes”, lamentou um professor universitário brasileiro (MARGOLIS, 2013, p. 24).

Esse quadro nos levaria a incluir o caso da imigração brasileira na imigração latina nos Estados Unidos. Entretanto, por questões de identidade, muitos brasileiros rejeitam essa inclusão. Um dos principais motivos é identidade étnico-racial: “Nos Estados Unidos, por exemplo, os imigrantes brasileiros reclamam, com veemência, do fato de os norte-americanos os confundirem, de maneira sistemática, com os hispânicos, e insistem que não pertencem a essa etnia porque falam português, e não espanhol” (MARGOLIS, 2013, p. 25).

Margolis lembra que Darcy Ribeiro, há alguns anos, já identificara esse sentimento de singularidade que a nação brasileira tem em relação a si própria. Isso pode explicar a dificuldade de autoaceitação do pertencimento a qualquer outro grupo étnico. Nos Estados Unidos, a não identificação com a comunidade hispânica tem custado a invisibilidade da comunidade brasileira. À medida que crescem os movimentos pró-imigração hispânica, é possível que os brasileiros unam forças e aceitem formar um único bloco, o de latino-americanos vivendo nos EUA (MARGOLIS, 2013, p. 25-26).

Os brasileiros nos EUA tendem a fazer uma distinção entre si, principalmente os pioneiros, que lá chegaram a algumas décadas, e os mais recentes. A acusação é de que esses não teriam senso comunitário. “Nos Estados Unidos, a questão problemática do senso de comunidade entre os imigrantes brasileiros e das instituições de base comunitária – ou melhor, da falta de ambos – foi apelidada de ‘brasfobia’. Envolve o que denomino de ‘o discurso de brasileiros falando mal uns dos outros’” (MARGOLIS *apud* MARGOLIS, 2013, p. 27).

Quando imigrantes brasileiros dizem: “Não somos como eles”, referem-se a outros grupos imigrantes, em especial os hispânicos, falantes de espanhol, dizendo respeito

não só à sua etnia, mas também à sua classe social considerada inferior. Esse discurso de fronteiras sociais em terras exteriores remete às distinções de classe no próprio Brasil. Em Nova York, os brasileiros também se autodiferenciam dos imigrantes hispânicos por se considerarem um povo mais ordeiro e obediente à lei, que não “causa problema” como os hispânicos. Inclusive um pronunciamento do cônsul-geral do Brasil em Nova York teve grande repercussão na imprensa brasileira e internacional. Em reunião com líderes da comunidade brasileira em Nova York, pediu para “não se misturarem com os *cucarachos*”, fazendo referência à comunidade hispânica. Criticado por discriminação, o diplomata pediu desculpas por ter usado a palavra *cucaracho* (barata), e que apenas queria reforçar que os brasileiros continuassem sendo conhecidos como “ordeiros e trabalhadores”, diferenciando-se de “outras comunidades [que] seriam arruaceiras e formariam gangues” (MARGOLIS, 2013, p. 233-234).

Desta forma, brasileiros nos Estados Unidos assumem os estereótipos dos próprios norte-americanos em relação à comunidade latino-hispânica. Constroem sua identidade afirmando-se diferentes dos demais imigrantes trabalhadores. Isso pode acontecer não só quando assumem trabalhos ditos superiores, mas quando desempenham as mesmas funções braçais, como, por exemplo, o trabalho como empregada doméstica ou faxineira. Reforçam ao mesmo tempo o preconceito local e reavivam a antiga rivalidade colonial, Portugal-Espanha (MARGOLIS, 2013, p. 235).

Na Flórida, entretanto, os brasileiros tendem a se identificar melhor como latino-americanos, porque lá vive um número significativo de latinos ou hispânicos com poder econômico e político. Miami torna-se referencial nesse ponto:

Lá os brasileiros podem ir a um restaurante de *fast-food* que atende a hispânicos e jantar o tão familiar arroz e feijão com suco de frutas tropicais. O sul da Flórida é também um local desejável por causa da facilidade relativa de comunicação em “portunhol”, uma mistura de português e espanhol (Oliveira, 2004). Alguns brasileiros dizem que se sentem mais em casa no sul da Flórida do que em outras partes dos EUA em virtude da latinidade prevalente na região (MARGOLIS, 2013, p. 236).

As questões de raça mostram-se como importantes para os brasileiros. Porém, os padrões brasileiros, ainda herança colonial, não são exatamente os mesmos nos Estados Unidos. Onde raça e aparência física se inserem na complexa teia da identidade brasileira? Afinal de contas, os brasileiros vêm de um país onde o “branqueamento da raça” é parte de sua história, uma nação onde “pessoas de cor” estão em maioria e onde o mito do Brasil como “paraíso racial” se perpetua. Eles então viajam para um país onde a categoria “não branco” substitui a de “mulato”, onde reina um sistema simplista de apenas duas raças e onde a regra de “uma única gota de sangue negro” ainda prevalece. Em termos de raça, uma maioria de imigrantes brasileiros se descreve como “brancos”, embora, nos Estados Unidos, eles descubram logo que, em virtude da tal regra de uma gota, nem todos os norte-americanos os veem dessa maneira. Na realidade, quando pedem que declarem a identidade racial, muitos brasileiros preferem a

categoria “outra” que tem um quê de multirracial e lhes dá a oportunidade de evitar os rótulos de “hispanico” e “latino”. Além disso, a categoria “outra” se aproxima mais da ideologia nacional dominante no Brasil de que os brasileiros são de fato “uma mistura de todas as raças” (MARGOLIS, 2013, p. 238).

Com vistas ao futuro, Margolis sugere algumas possibilidades na relação das comunidades brasileira e latina nos Estados Unidos. Podem “diluir-se” na sociedade norte-americana, passando a ser considerados cidadãos norte-americanos “brancos”, como aconteceu com italianos, irlandeses e judeus. Tal assimilação se daria pela não aproximação política ao grupo de latino-hispânicos. Para Margolis, a não integração a esse bloco gerará o enfraquecimento político da comunidade brasileira. Mesmo assim, ainda seria possível que os imigrantes brasileiros optassem por se manter como uma minoria nacional dentro dos países onde se encontram. Existe, ainda, a possibilidade de retornarem ao Brasil, caso haja uma reviravolta na economia tanto deste, como dos países para onde imigraram (MARGOLIS, 2013, p. 244).

AS MOBILIDADES CULTURAIS EM *AZUL-CORVO*

Em *Azul-corvo* (2010), da escritora carioca Adriana Lisboa, há uma série de deslocamentos e subdeslocamentos culturais americanos possíveis, figurados literariamente. A diáspora se expressa nesse romance por um fluxo contínuo entre cidades e países americanos. As rotas de seus personagens formam linhas que se entrelaçam em teias, redes irregulares, de uma conectabilidade espaço-temporal. O passado ressurge a todo o momento como parte constituinte do presente, como nesse trecho em que a adolescente Evangelina explicita sua angústia em reconstruir sua história:

Eu tinha mil e duzentas páginas de perguntas sobre minha mãe, sobre ele e minha mãe, sobre meu pai e minha mãe, sobre o Novo México, sobre os esquetes encenados antes que eu nascesse. Por que as pessoas se deslocavam daquele jeito da vida uma à vida da outra, e mudavam de cidade, e mudavam de país, e adquiriam novas cidadanias ou não adquiriam novas cidadanias. Por que, nesses deslocamentos, antigos amores sumiam do mapa, antigos amores transubstanciados em amizades sumiam do mapa (LISBOA, 2010, p. 77).

Essa noção de anterioridade determina a afirmação identitária da personagem Evangelina. Assim, não se trata de um passado sólido que pode ser fixado num número calendarístico, mas um passado fluído, que em sua movência nos apreende e carrega consigo num curso ainda por nós desconhecido.

As movências, em *Azul-corvo*, implicam mobilidades culturais entre países, como a mudança de Suzana e Evangelina, esta com dois anos de idade, dos Estados Unidos para o Brasil. Da família Salvadorenha que mora no Colorado. Do brasileiro Fernando, que se mudou para os Estados Unidos atrás de um grande amor. De Isabel, que num vai-e-vem de Porto Rico para os Estados Unidos, não sabe a que lugar pertence

de fato. Também movimentos entre cidades, como da jovem Dolores que se casou com um cidadão americano e migrou do Colorado para a Flórida, vivendo o *American dream*, e não o seu sonho de estudar medicina em Harvard. E de Fernando que, todos os dias, migra de Lakewood para Denver. E também movências ainda mais íntimas, como aquelas que acontecem entre as pessoas – casamento, separação, rompimento de laços, morte.

As personagens de *Azul-Corvo* falam de sua condição de imigrantes, legais e ilegais. Falam de suas casas, de seus *papeles*, de seus planos de retorno à pátria natal, de sua permanência nos Estados Unidos, de seus trabalhos, do que pensam do “outro”. Sobretudo, falam de suas memórias.

Percebemos, assim, que a escrita de Adriana Lisboa dialoga com questões identitárias muito próprias dos imigrantes latino-americanos nos EUA: os sentimentos da chegada aos EUA, como a comparação com a cidade natal, e as estratégias de adaptação na vida cotidiana; a relação com a pátria de origem alterada ao longo do tempo; a problemática do multilinguismo; a identidade permanentemente em trânsito e/ou duplicada; o hibridismo cultural.

De acordo com Maria Zilda Ferreira Cury (2006), a representação artística da imigração está presente na música, no cinema, na fotografia, na literatura. Mais do que apreciação de um fenômeno contemporâneo, a temática da imigração põe em discussão a construção das identidades. Assim, a imigração

é fenômeno que ganha especificidade num tempo e espaço como os nossos, já que a presença do imigrante e as imagens por ele elaboradas participam da construção de “identidades” neste entre-espaço cultural e histórico atravessado pelas contradições que constitutivamente estruturam a realidade contemporânea (CURY, 2006, p. 11).

Cury menciona ainda alguns exemplos literários onde a imigração é ficcionalizada, como *Na América* (2001), de Susan Sontag, sobre imigrantes poloneses nos Estados Unidos, dentre outros. Além dos exemplos contemporâneos, são mencionados alguns romances brasileiros: *Budapeste*, de Chico Buarque, *Mongólia*, de Bernardo de Carvalho, *Relator de um certo oriente* e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum: “Tais textos abrem-se a questionamentos sobre os processos de negociação identitária, sobre opções enunciativas de tratamento da memória e de recuperação das sagas de imigração com inserção específica no panorama cultural contemporâneo” (CURY, 2006, p. 13).

Em artigo intitulado “American Dream, *Jeitinho Brasileiro*: On the Crossroads of Cultural Identities in Brazilian-American Literature”, Antonio Tosta (2007) discute como a literatura produzida por brasileiros, que vivem nos EUA, aborda as temáticas próprias desta imigração. Algumas obras citadas em seu artigo são *Diário de um cucaracha*, do cartoonista Henfil em 1983, *A Travessia Americana*, de Carlos Eduardo Novaes em 1985, *O Sonho Americano*, de Angela Bretas em 1997, e *46th Street*, de Julio Emílio Braz e Silvana Pimentel em 2002, dentre outras.

A literatura brazuca⁵, incluindo romances, autobiografias, biografias, crônicas e gêneros jornalísticos, está marcada pelo uso da linguagem coloquial, construções modestas e verossimilhança.

Antonio Tosta demonstra como os brasileiros conseguem se adaptar à vida nos Estados Unidos, duplicando-se culturalmente, por isso, são bem denominados de *Brazilian-norte-americanos*. Percebendo a necessidade de tal duplicação, a protagonista Evangelina busca formas de “imersão” na cultura norte-americana.

Tente: aja como, vista-se como, fale como as pessoas ao seu redor. Use gírias, frequente os lugares mais frequentados, se esforce para compreender os espaços políticos. Tente não se surpreender a cada vez que vê as pessoas vendendo móveis e roupas e livros usados na garagem de casa (a placa na esquina da rua anuncia a venda: *garage sale*), ou os supermercados oferecendo toneladas de abóboras em outubro e ferramentas para esculpi-las, ou labirintos abertos nos milharais. Finja que nada disso é novidade (LISBOA, 2010, p. 70).

Essa parece ser a estratégia de muitos brasileiros nos Estados Unidos, ao menos na percepção da personagem. Evangelina afirma que conhece brasileiros que vivem como se fossem americanos.

Conheci imigrantes brasileiros que tentavam esquecer que eram brasileiros. Arranjavam parceiros americanos, filhos americanos, empregos americanos, guardavam a língua portuguesa dentro da garganta num lugar de difícil acesso e só se orgulhavam de suas origens quando alguém mencionava de modo elogioso o samba ou a capoeira (essa última também, na origem, a luta dos deslocados, dos expatriados, dos arrancados de casa) [...] No início, pensei que isso fosse estratégia de sobrevivência. Talvez fosse. Ou talvez fosse apenas permeabilidade. Depois de algum tempo, dá trabalho se manter íntegro. Continuar sonhando em português quando as outras dezesseis horas do seu dia se pautam pelos colegas de trabalho americanos, pelos vendedores americanos, pelo carteiro mexicano que fala inglês com você, pelo rádio americano, pela tevê americana (LISBOA, 2010, p. 70-71).

Viver como americanos configura uma situação quase de “disfarce” e indica o empenho do imigrante em ser aceito pela sociedade norte-americana. Não apenas porque é necessário falar inglês, mas porque é importante socialmente parecer um americano nativo, omitindo suas raízes imigrantes.

Essa condição que estamos chamando de “disfarce” refere-se à invisibilidade da comunidade brasileira nos Estados Unidos, que pode inclusive servir de estratégia de sobrevivência. Somente o Censo dos EUA, de 2010, ficou estabelecido que os brasileiros não deveriam se identificar como latinos e sim como brasileiros. Até então, esses imigrantes viviam uma indeterminação étnica no país. Isso também aparece no pensamento de Evangelina.

⁵ Como são conhecidos os Brazilians, os imigrantes brasileiros que vivem e trabalham nos EUA, em especial aqueles se encontram na ilegalidade. O termo ‘brazuca’, contudo, não é aceito por todos os estudiosos da área e se ligaria, em tese, à literatura de imigração com temática peculiar à experiência migrante.

Se bem que os brasileiros sempre se colocaram de um modo bem claro nessa história: alto lá, não somos imigrantes *hispânicos*. Pode olhar para o nosso rosto, a gente inclusive é bem diferente em termos de biotipo e não falamos espanhol, falamos português. POR. TU. GUÊS. (Na escola, eu tinha que preencher um papel com meu grupo étnico. As opções eram: CAUCASIANO. HISPÂNICO. AMERICANO NATIVO. AFRO-AMERICANO. Onde é que eu ficava nessa história?), (LISBOA, 2010, p. 72).

A questão da indeterminação étnica não é uniforme dentro dos EUA. Em algumas cidades, como Nova York e São Francisco, a etnicidade discutível dos imigrantes brasileiros fez com que eles se tornassem um grupo bastante invisível. Enquanto que em Boston o grupo tem maior visibilidade. Recentemente, na Flórida “os brasileiros finalmente atingiram ampla visibilidade com a presença de compatriotas abastados que vêm abocanhando, sem parar, tantas casas e apartamentos a ponto de, na verdade, já terem exercido impacto positivo no desacelerado mercado imobiliário de Miami” (MARGOLIS, 2013, p. 226).

Margolis chama a atenção para o fato de que, em alguns casos, a invisibilidade traz vantagens para o grupo de imigrantes. O desconhecimento da língua nos Estados Unidos, que é muito maior se comparado ao espanhol, serve de código aos brasileiros, marcando fronteira quando não querem que o está sendo dito seja compreendido por não-brasileiros. Além disso, e principalmente, a invisibilidade como grupo étnico pode facilitar a permanência ilegal nos EUA. “Em outras palavras, a invisibilidade, quer seja de indivíduos ou de instituições, poder útil como tática de sobrevivência” (MARGOLIS, 2013, p. 227). Ignoram também a antipatia histórica, herança do período colonial, ideia presente no provérbio corrente no Brasil colonial: “Da Espanha não vem nem bons ventos nem bons casamentos” (TOSTA, 2012-2013, p. 307). É desconhecida também sua heterogeneidade racial. O “povo brasileiro” é oriundo da miscigenação de diversos povos: além dos seus colonizadores portugueses, espanhóis, italianos, alemães, libaneses, holandeses, coreanos e japoneses. Coisa que se reflete não só na cor da pele, como já dissera Darcy Ribeiro, mas também nos múltiplos traços culturais. Para Margolis, a confusão tem origem na década de 1940, quando Carmem Miranda, sendo brasileira, vendeu a imagem latina para os norte-americanos. Antonio Tosta reconhece a falta de traços étnicos dos brasileiros na personagem Vianna, em *Stella Manhattan* de Silviano Santiago, “pouco latino na sua beleza baby face”, e a personagem Ana Célia, em *Febre Brasil em Nova York* de Norma Guimarães, uma “brasileirinha loira, de olhos tão azuis, que mais parecia uma alemã” (TOSTA, 2012-2013, p. 305-306).

Certamente, a adaptação à vida norte-americana é uma estratégia de sobrevivência e permeabilidade, contudo, um pouco além, se coloca também como desejo de apropriação. O pensamento da personagem aponta nessa direção.

Talvez, uma outra hipótese, essa fosse a doença do imigrante latino-americano no primeiro mundo: o desespero de abraçar com toda força o país rico e dizer quero um pedaço. Minha história não é só minha. É sua também. Por exemplo: de onde vem sua cocaína? A carne do seu churrasco? A madeira ilegal da sua estante? Sua história não é só sua. É minha também. Nosso *American dream*. Afinal, a América é um naco de terra que vai desde o oceano Ártico até o cabo Horn, não? (LISBOA, 2010, p. 71).

É na apropriação do “outro”, e do que é próprio do outro que se concentram os esforços dos imigrantes nos Estados Unidos. Em outro episódio, encontramos a estratégia de Vanja para tal apropriação – a apropriação cultural:

Eu abri a boca na descida e engoli neve suficiente para promover uma espécie de autobatismo. Dali em diante eu era um deles. Era igual. Era mais uma menina acolchoada num casaco impermeável violeta, e botas pretas de borracha forradas com pelo sintético. E calças jeans que ficavam duras de frio e onde emplastros de neve grudavam. E luvas. E um gorro de lã com duas tranças de lã nas laterais. O casaco e as botas eram de ponta de estoque mas estavam bastante bons, embora eu achasse estranho ter todas aquelas texturas se interpondo entre a minha pele e o mundo. Eu agora existia em camadas. [...] E de todo o modo o que importava era que agora eu era um deles, sim, análoga, comparável a, semelhante. Numa confraria prosaica de corpos encasacados descendo encostas lisas, brancas, entre tombos reverentes e gritos de guerra. Eu também gritava, eu também levava tombos, eu também. (LISBOA, 2010, p. 138)

Nesse trecho, Evangelina parece estar disposta a apropriar-se dos novos costumes, tanto que denomina essa experiência de “autobatismo”. Entretanto, nos chama a atenção essa insistência: “Eu também gritava, eu também levava tombos, eu também”. Por três vezes ela se inclui no comportamento que considera próprio “deles”. Essa repetição indica incerteza ou a necessidade de autoconvencimento. Vanja se sentiria pronta para viver uma nacionalidade outra que não a brasileira? Os comportamentos seriam suficientes para lançar-lhe no universo de códigos da identidade norte-americana? É possível que a adolescente, que possui dupla nacionalidade já em seus documentos, ao deparar-se com a neve tenha percebido a necessidade de viver sua binacionalidade.

Depois que você passa tempo demais longe de casa, vira uma interseção entre dois conjuntos, como naqueles desenhos que fazemos na escola. Pertence aos dois, mas não pertence exatamente a nenhum deles. Você passa a ter uma memória sempre velha, sempre ultrapassada de casa. As pessoas estão escutando sem parar tal música no Brasil, toca na novela, toca no rádio. Seis meses depois você descobre a música, por acaso, gosta dela, e a imensa popularidade prévia parece uma espécie de traição. É como se as pessoas estivessem trocando segredos, e vocês sempre se surpreendendo com notícias velhas. As pessoas do conjunto A te consideram um ser meio à parte, porque você também pertence ao conjunto B. As pessoas do conjunto B te olham meio de banda, porque você também pertence ao conjunto A. Você é algo híbrido e impuro. E a interseção dos conjuntos não é um lugar, é apenas uma interseção, onde duas coisas inteiramente distintas dão a impressão de se encontrar (LISBOA, 2010, p.73).

Para Maxime Margolis (2013), os brasileiros têm certa facilidade de adaptarem-se socialmente em outro país por causa de sua transnacionalidade. Aqui “o termo ‘transnacional’ é usado para indicar a facilidade com que pessoas, objetos e ideias fluem de lá para cá e vice-versa, através das fronteiras internacionais” (MARGOLIS, 2013, p. 242). Assim, os imigrantes brasileiros permitem coexistir suas identidades brasileiras (se são cariocas, baianos, mineiros, etc) e a nova identidade de estrangeiro. Assim, conforme a comunidade brasileira se amplia em solo norte-americano, chegando atualmente aos dois milhões de indivíduos, aumentam também as consequências acerca das mobilidades culturais das quais tratamos acima, pois se no passado o imigrante brasileiro desejava ‘fazer a América’ com trabalho duro e resposta financeira rápida para voltar ao Brasil; hoje, no entanto, os sujeitos da terceira geração já se encontram totalmente amalgamados àquela cultura, sendo que o Brasil para muitos, é uma raiz distante. Ainda assim, os imigrantes que partem a todo ano rumo ao sonho americano continuam a alimentar este senso de transnacionalidade, sobretudo agora com as facilidades tecnológicas e com o grande impacto da globalização. Portanto, percebemos que a migração da América do Sul, neste caso dos brasileiros aos Estados Unidos, tem modificado e continuará a modificar culturalmente ambos os países, suas culturas e pessoas, uma vez que tais mobilidades não dão indícios de que tenham chegado a um fim.

CONCLUSÃO

Apesar de transnacionais, os brasileiros não conseguem assumir, ao menos de maneira plena, a identidade da comunidade latina nos Estados Unidos. Perguntamos se a insistência em diferenciar-se do grupo latino é uma questão restrita à imigração brasileira nos Estados Unidos, ou se representa um distanciamento vivido entre os países latino-americanos. Tratar-se-ia do desconhecimento e autodesconhecimento “abaixo” do Rio Bravo?

Certamente, ainda há distância a ser percorrida para que se tenha uma consciência de América Latina como uma vasta região que sofre as mesmas consequências da exploração europeia, como, por exemplo, o subdesenvolvimento econômico. Aliás, esse é um problema que mostra o grau de complexidade acerca da superação na América Latina. É preciso um novo movimento de consciência latino-americana, no espírito de José Martí. A América Latina é um bloco de riquezas humanas e naturais que pode gerar condições sociais e econômicas tão favoráveis quanto as norte-americanas, ou de qualquer outro país desenvolvido do mundo.

É possível que o Brasil tenha papel-chave nessa rearticulação. Também nos parece sensato que se ampliem os diálogos entre os países desse vasto território denominado América Latina. Para tanto é preciso desconstruir a rivalidade estabelecida desde os primórdios da colonização. Um desafio há muito evitado e contornado. Basta lembrarmos os episódios da vinda de médicos cubanos para o Brasil e a recente imigração haitiana no sul do país.

Que a literatura continue a nos inspirar reflexões como essa, afinal, desde muito denuncia nossos entraves políticos manifestos nas diferenças culturais.

REFERÊNCIAS

CURY, Maria Zilda Ferreira; VAZ, Artur Emilio Alarcon. *Literatura e Imigrantes. Sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POS-LIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal de Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006, p. 9-33.

CUNHA, Felipe Brum. *Imigração ilegal nos Estados Unidos: uma análise conjuntural a partir de uma perspectiva histórica*. Monografia de conclusão do Curso de Relações Internacionais. UFRGS, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70009/000876107.pdf?sequence=1>. Acesso: 16 Jul. 2015.

LISBOA, Adriana. *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MARGOLIS, Maxine L. *Goodbye, Brazil*. Emigrantes brasileiros no mundo. Tradução de Aurora M. S. Neiva. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTÍ, José. *Nuestra América*. Edición PDF: [novel]es.com. Disponível em: <http://www.iiicab.org.bo/Docs/diplomado-alba/m1/JoseMarti-NuestraAmerica.pdf>. Acesso em 30 mai. 2015.

TOSTA, Antonio Luciano de Andrade. “American Dream, *Jeitinho Brasileiro*: On the Crossroads of Cultural Identities in Brazilian-American Literature.” In.: *A Companion to US Latino Literatures*. Woodbrigde: Tamesis, 2007, p. 140-157.

_____. “The Other as Self or Other? Latinidade and the Politics de Identificação in Brazuca Novels.” In.: *Revista Bilingue de Letras e Estudos Luso-Americanos*. Volume XXXIV-XXXV, 2012-2013, p. 301-339.